

**Interferência nas localidades:  
considerações sobre Turismo, Cultura e Descaracterização**

**Henrique Patto Pinho Vieira de Camargo**<sup>1</sup>

**Bernardo Villanueva de Castro Ramos**<sup>2</sup>

**Mariana Schwaab Machiavelli**<sup>3</sup>

**Resumo**

A discussão levantada neste trabalho busca apresentar questões sobre os impactos da atividade turística nas localidades que a promovem, considerando a estreita ligação da atividade turismo com a cultura. Alguns autores, de diferentes campos do conhecimento - turismo, administração, antropologia, sociologia, entre outros - entendem que atividade turística descaracteriza a localidade e alteram as relações dos locais com o espaço e os “outros” nos âmbitos espaciais, sociais e culturais. Porém, o processo de modificação da cultura aparece como intrínseco a ela, o que quer dizer que é sua característica mudar e assumir novas formas na sua trajetória. Portanto, este artigo aponta as mudanças culturais como processo lógico do caminhar da sociedade, e não apenas como um resultado da atividade turística.

**Palavras-chave:** Turismo. Cultura. Descaracterização. Interferência. Localidades.

**Introdução**

O turismo, como se dá atualmente, pautado nos novos princípios tecnológicos, é uma das atividades socioeconômicas mais representativas no cenário global e continua em franca ascensão<sup>4</sup>. Contudo, para alguns pesquisadores o Turismo ainda não se constitui como uma ciência. Partindo desse pressuposto, tem-se a urgência na consolidação de uma ciência do Turismo, a fim de compreender e refletir a cerca desse fenômeno, tendo em vista a estreita relação entre Turismo e Cultura.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Anhembí Morumbi (2007) e mestrando em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: henriqpatto@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Turismo pela Faculdade Internacional de Curitiba (2009) e mestrando em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: ber.ramos@hotmail.com

<sup>3</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (2009) e mestranda em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: mariana.turismo@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Ressalta-se que esse artigo não demonstra nossa concordância com o turismo massivo, desenfreado, invasivo ou não planejado. Apenas busca mostrar o processo de transformação da cultura como intrínseco a ela, e não como consequência exclusiva da atividade turística

Instigados pelas diversas leituras e debates sobre esses assuntos, este artigo propõe uma discussão introdutória de caráter ensaístico acerca dos processos socioculturais relacionados à atividade turística, acreditando que as transformações da cultura, enquanto manifestação de saberes-fazer, são processos contínuos e retroalimentados por ela mesma, não sendo – as transformações - uma consequência de interferências da atividade turística **exclusivamente** e não podendo, então, assinalar o turismo como descaracterizador da cultura de uma localidade.

Sentimos a necessidade de introduzir essa discussão na construção do campo científico do Turismo, a partir da ótica do profissional do turismo, levando em consideração que, sendo um fenômeno multi, inter e transdisciplinar, diversas disciplinas apropriam-se e discutem seus conceitos. Destaque-se que não pretendemos desconstruir o que já está exposto, mas sim repensarmos o exposto a partir de outro olhar.

Além disso, em pesquisa no banco da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior – CAPES, digitando *turismo e descaracterização* no campo *assunto*, foram localizados 32 trabalhos, alguns tratando de questões ambientais e outros culturais. Digitando *cultura e descaracterização* no mesmo campo, foram localizados 100 trabalhos, porém, não necessariamente tratam da descaracterização em função do turismo. Esse dado mostra que a discussão sobre essas relações existe na academia, não necessariamente produto de pesquisa de profissionais em Turismo, corroborando, então, a importância da nossa proposta.

Compartilhando das idéias de Barretto (2006) e Urry (2000), chamaremos as consequências do turismo não como *impactos*, mas sim como *interferências*. Isso porque, se consideradas como impacto, o conceito carregaria no seu bojo o sentido de imposição, obrigação. Ao contrário, se analisado na perspectiva da *interferência*, teríamos como resultado um conceito atrelado à *interação*, que é um dos princípios propostos na Física, por exemplo, que apresenta a interferência como um “fenômeno que consiste na interação de movimentos ondulatórios”, de tal maneira que as oscilações de cada um desses movimentos se adicionem, formando uma onda resultante (HOUAISS, 2009). O conceito torna-se, portanto, aplicável no caso da presente discussão, já que

vemos a relação do turismo com as localidades onde ele acontece como uma **interação**, que pode interferir na sua cultura, e não como uma imposição<sup>5</sup>.

Trazida a discussão para a área do Turismo, teríamos ainda que pensar acerca do termo *comunidade*, visto que ele aparece frequentemente nas discussões, porém, como alerta Barretto:

na maior parte dos lugares em que o fenômeno turístico é pesquisado não é constituído por comunidades mas por sociedades complexas, tendo em conta, também que, na atualidade, o próprio conceito de sociedade está sendo revisto face as novas mobilidades nos espaços reais e virtuais (BARRETTO, 2006, citando URRY, 2000)

Então, tendo em conta que esse termo não influencia nossa discussão no momento, e que ele apenas aparece para designar as comunidades receptoras, ou seja, que apresentam a atividade turística, não buscaremos essa conceituação.

### **(In)Definição de Cultura**

A busca por uma definição de cultura mostra-se uma tarefa árdua, pois seu escopo é amplo e cheio de significados. Etimologicamente, a palavra tem sua raiz no latim *colere*, que significa cultivar, e aparecia associada a praticas e culturas agrícolas. Já o termo *cultura*, segundo Laraia (2003), surge como decorrência de duas vertentes, a partir dos termos *Kultur* (alemão) e *Civilization* (francês). O primeiro era utilizado para designar aspectos ligados à espiritualidade de uma comunidade, enquanto o segundo estava diretamente ligado às coisas materiais daquela comunidade. A palavra foi traduzida para o inglês, com o vocábulo *Culture*, por Tylor (1871), tendo por significado a junção dos dois vocábulos anteriores, portanto, designando o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e competências adquiridos pelo homem na sociedade. Logo, a palavra *cultura* carrega consigo uma série de significados e tem por função a manutenção dos grupos sociais (LARAIA, 2003).

A Antropologia, ciência que, por excelência, estuda a Cultura, se fortaleceu como tal superando os determinismos de sua escola evolucionista através da relativização das culturas, a partir de uma compreensão de que as diferenças entre elas – culturas - não representaria, necessariamente, uma desigualdade em suas complexidades. Franz Boas

---

<sup>5</sup> Destaque-se que esses conceitos de impacto e interferência serão utilizados apenas a nível de discussão, dada sua relação com o tema, e que não faremos uso de pesquisa empírica neste trabalho

no final do século XIX defendeu, por exemplo, a necessidade de contextualização de cada cultura para seu estudo. E assim influenciaria novas escolas antropológicas, que até meados do século XX teriam o “outro” como objeto de estudo, fosse o “outro” longínquo, exótico, ou apenas um “outro” cultural. As escolas americana (culturalista) e francesa (estruturalista), ainda focariam nas estruturas exteriores ao sujeito, para explicar as diferentes culturas, sendo que a primeira enfocaria os padrões ou estilos de cultura, enquanto a segunda buscaria as regras estruturantes das culturas.

Já a escola interpretativa, fundada mais tarde por Clifford Geertz, proporia que os estudos da cultura buscassem interpretações, e não leis:

acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 04)

Outro teórico que não rompe totalmente com o paradigma hermenêutico da antropologia interpretativa de Clifford Geertz é James Clifford. Apesar de parecer entender o turismo como uma ação, exclusivamente, com fins práticos, diferenciando-a de sua compreensão do viajar, James Clifford (1999) traz um conceito interessante sobre a cultura na que seria a questão do *dwelling* and *travelling*, enraizamento e viagem. Ou seja, estaríamos em constante fluxo de movimentação em que constantemente estabeleceríamos raízes, noções de pertencimento a certos espaços, objetos, símbolos, entendimentos, enquanto movimentássemos entre diferentes percepções entendimentos de suas (das) realidades que por cada um é filtrada e mediada por sua própria cultura, ao longo de sua relação espaço-temporal.

Assim sendo, a Antropologia, se considerada sua linha mais contemporânea acima referida, busca a interpretação das culturas, cada qual nas suas peculiaridades, sem generalismos. Cientes dessa necessidade na presente discussão propõe-se não criar uma lei, mas sim discutir uma teoria acerca da prática turística. Pensando assim, e considerando o turismo como deslocamento sustentado por uma estrutura prática, mas também pela pessoa ali presente, poderá ajudar a validar o desprendimento de uma busca por artificialidade, originalidade, autenticidade ou outras motivações que sejam, constantemente, entendidas como inerentes à movimentação turística, ao fenômeno Turismo.

No Brasil, a Constituição da República trata acerca da cultura em seu Artigo 216, que assegura que o patrimônio cultural brasileiro se constitui de bens de natureza material e imaterial, portadores de

referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988)

Mostrando consonância com o exposto na Constituição de 1988, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, adotou, em 2005, a *Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade Cultural*, visando assegurar a diversidade cultural nos seus mais diversos aspectos, salientando a importância de considerá-la patrimônio da humanidade e apontando também para a natureza evolutiva da cultura:

a cultura **assume formas diversas** através do tempo e do espaço, e que esta diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade das identidades, assim como nas expressões culturais dos povos e das sociedades que formam a humanidade [...] ciente de que a diversidade cultural se fortalece mediante a livre circulação de ideias e **se nutre das trocas constantes** e da **interação entre culturas** (UNESCO, 2007, p.2 – grifo nosso)

Assim, não nos parece ser possível defender a teoria de que uma sociedade sofre descaracterização, já que a própria cultura “**assume formas diversas**”, nutrindo-se “**das trocas constantes e da interação entre culturas**”. Como define Rodrigues (2001, p.11), a cultura é entendida como “conjunto de processos simbólicos por meio dos quais se apreende, se reproduz e se transforma a estrutura social”. Ou seja, de acordo com Bourdieu (1989), seria correto falar em um **capital cultural**, que diz respeito ao conhecimento, informações, habilidades, títulos acadêmicos, bens culturais, entre outros.

Partido dessas considerações, é possível assegurar que a cultura é extremamente dinâmica, e, por isso mesmo, pode sofrer – e sofre - alterações ao longo do tempo, em função de necessidades, ou até mesmo de atitudes dos indivíduos sobre ela, e que essas

mudanças são saudáveis e até mesmo necessárias para sua sobrevivência, instituindo, assim, novos valores, regras, costumes (KEMP, 2000), ou seja, modificando a si mesma.

### **Turismo e Cultura**

Muito se discute sobre as interferências do Turismo na cultura e no patrimônio de uma comunidade receptora, tanto no que diz respeito ao patrimônio material quanto no âmbito sociocultural, relacionado ao patrimônio imaterial e à cultura local.

Costumeiramente, o turista, e conseqüentemente a atividade turística, é apontado como vilão no processo de modificação da cultura de comunidades receptoras. Krippendorf (2000) aponta para o fato de que, muitas vezes, o impacto do turista sobre a comunidade local acontece porque o ambiente estranho ao turista atua como libertador, fazendo com que ele demonstrasse um comportamento que, no seu meio comum causaria desaprovação. Ou seja, o turista aproveita o seu tempo como turista ao máximo, sem se importar com as conseqüências de seus atos. Porém, esse comportamento pode estar mais ligado às questões materiais de patrimônio e meio ambiente - não menos importantes - do que diretamente à interação turista x visitado.

Por outro lado, o turista pode assumir a posição de visitado e buscar contato com a comunidade receptora, em busca de novas experiências, conhecimento, etc., promovendo trocas com essas comunidades, que por sua vez podem assumir ou não na sua cultura os frutos dessa troca. Por conseguinte, os *impactos* podem ser definidos como a conseqüência do processo complexo de *interação* entre turistas x comunidades x meios receptores (RUSCHMANN, 2000, p.34).

Observando o turista como visitante, é pertinente considerarmos algumas possibilidades da interação turista x receptor: (1) o turista esperar encontrar uma cultura diferente da sua (BARRETTO, 2006); (2) o turista buscar novas experiências (COHEN, 1974); (3) o turista ver no habitante local um instrumento do seu lazer e desfrute (BARRETTO, 2006).

Há de analisar esse quadro na dimensão da comunidade receptora, que se prepara para receber o turista e, portanto, também assume comportamentos diferenciados. Atualmente, tem-se conhecimento de diversas práticas realizadas para divertir e entreter o turista exclusivamente, mas que são apresentadas como parte da cultura local. Como

exemplo, podemos citar apresentações artísticas de tribos indígenas realizadas exclusivamente para o turista e que não são, obrigatoriamente, parte do cotidiano da tribo. Ou então localidades históricas que apresentam reconstrução de fatos e estruturas, montando um verdadeiro palco para suas encenações. Até mesmo podemos citar os parques temáticos, preparados para criar um mundo de fantasia ao visitante, como o caso da *Disney World*.

Todas essas práticas são assumidas pelo próprio receptor, o que nos faz reiterar a idéia de que não podemos culpar o turista por ser um agente que interfere diretamente na cultura local. O turismo apropriar-se-ia da cultura como sendo um diferencial de cada destino, enfim, mais do que autenticidade ou um processo inerente à toda sociedade, a cultura tornou-se uma estratégia de marketing do turismo. O pejorativamente chamado *turismo cultural* passa a ser mais um produto no disputado mercado do lazer e das viagens, que dá origem a outros produtos dentro do próprio destino, utilizando-se do mesmo apelo.

Assim, podemos considerar as possibilidades da relação receptor x turista: (1) o receptor enxergar no turista uma oportunidade de trocas culturais; (2) o receptor enxergar no turismo uma oportunidade de expor e reafirmar a sua cultura (GIÁCOMO, 1993); (3) o receptor enxergar no turista apenas um facilitador econômico, tornando o turismo uma atividade que lhe permita uma nova colocação social, política e econômica (JAFARI, 1987).

Nesse contexto, apresentamos a possibilidade da relação turista x receptor facilitar a modificação das relações de pertencimento tanto do receptor quanto do turista (GASTAL e MOESCH, 2007).

Isso posto, **como considerar o turismo como descaracterizador da cultura?**

### **Considerações finais**

A questão abordada neste artigo já foi objeto de pesquisas anteriores, porém não com o mesmo enfoque, quando se afirmou que “o turismo pode vir a estimular e renovar alguns aspectos das manifestações culturais que, de uma forma ou de outra, estão sendo transfiguradas devido às forças de desenvolvimento do mundo globalizado”

(OLIVEIRA, 2006, p.7). No entanto, ainda existem pesquisadores que desconsideram essa possibilidade, afirmando que a atividade turística é descaracterizadora da cultura.

Concluimos, em meio às discussões, que o turismo é um fato social total conforme proposto por Marcel Mauss (1979), baseado na teoria de Durkheim (1895). Isso significa dizer que o social, no caso o turismo, é exterior, anterior e coercitivo ao indivíduo, porém não sem sofrer influência da atuação do próprio indivíduo.

Assim, *descaracterizar* não dá conta de descrever o fenômeno que acreditamos que acontece. A cultura receptora sofre *interferências*, que, portanto, somando-se às suas práticas, necessidades e decisões formam uma outra coisa. Ela não se descaracteriza, mas sim se transforma. E como acreditamos ser uma influência, é obvio que a modificação é natural, aceita e incorporada de maneira voluntária, e não forçada, pois o indivíduo tem o poder de atuar nessa mudança. Além disso, é o próprio turismo que prega a noção de preservação da cultura como atrativo.

Como Selwyn (1996, p. 21) refere, “[...] o que faz com que um destino turístico seja atractivo é o facto de se pensar que tem uma característica especial, um ‘espírito de lugar’ especial [...]”. E um lugar com um “espírito” especial, um lugar com “magia”, é aquele que, pela singularidade e/ou ancestralidade das suas práticas, é tido por autêntico (PERALTA, 2003, p. 88)

Ou seja, esse lugar especial motiva no turista a busca pelo

“*outro* autêntico”, procurando encontrar nesse processo o “*eu* autêntico” (Selwyn, 1996, p. 24), que existe na imaginação do turista. Se esse “*outro* autêntico” não existe, ou se existe de forma difusa, há que, senão “inventá-lo”, pelo menos recriá-lo (PERALTA, 2003, p. 89)

Além de tomada de consciência, por parte do cidadão receptor, de que sua cultura é diferente, e por isso também deve ser mantida dentro das suas possibilidades, existe a oportunidade de incorporação de valores e costumes vindos com o turista à cultura local. E o ponto mais importante dessa relação é que isso se dá de forma natural, e que aconteceria de qualquer maneira no momento do encontro e confronto/estranhamento de duas culturas: **isso não é uma exclusividade do turismo**. O turismo pode sim aparecer como um facilitador desse encontro e conseqüentemente dessa troca, mas não como o *culpado* desse processo.

## Referências



BARRETTO, Margarita. **Relações entre visitantes e visitados: nem anfitriões nem convidados.** Anais da 25ª Reunião Brasileira da Associação Brasileira de Antropologia - RBA, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Artigo 216. 1988.

COHEN, Eric. **Who is a tourist? Conceptual clarification.** The Sociological Review, 1974.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutscha. **Turismo, políticas públicas e cidadania.** São Paulo: Aleph, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em Festa.** São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico.** Versão 2.0, 2009.

JAFARI, Jafar. **Tourism Models: the social culture aspects.** Tourism management. 8ª Ed. 1987. p.151-159.

KEMP, Kênia. Identidade cultural. In: GUERREIRO, Silas. **Antropos e Psique: o outro e sua subjetividade.** São Paulo, São Paulo: Ed. d' Água, 2000, p. 65-85.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editr, 2003.

MAUSS, Marcel. Marcel Mauss: **Antropologia.** São Paulo: Ática, 1979.

OLIVEIRA, Anelize Martins de. **Ensaio teórico: o significado da cultura para o turismo com base local.** Caderno Virtual de Turismo. V.6, n.4, 2006. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=142>. Acesso em 26 abr 2011.

PERALTA, E. **O mar por tradição:** o patrimonio e a construção das imagens do turismo. Horizonte Antropologicos, Porto Alegre, ano 9, n.20, p.83-96, outubro, 2003.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. O turismo no processo de globalização. In: GONÇALVES, Ana Beatriz R. e BOFF, Claudete (orgs.). **Turismo e cultura: a história e os atrativos regionais**. Santo Ângelo, RS: gráfica Venancio Ayres, 2001.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas: Papyrus, 2000.

UNESCO. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais**. 2007.